Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros

BRASÍLIA, OUTUBRO DE 1993

Em agosto passado, o Antropólogo Roberto DaMatta proferiu, com grande êxito, palestra no Instituto Rio Branco.

Professor de antropologia social na Universidade de Notre Dame e Professorvisitante na Universidade Federal Fluminense é autor de, entre outros, Carnavais, Malandros e Heróis; A Casa & a Rua; Relativizando e Explorações. Seu último livro é Conta de Mentiroso.

Completando este agradável contacto com o Itamaraty, o Professor DaMatta, em resposta a convite da ADB, teve a gentileza de preparar para o Boletim o artigo que se segue.

DIPLOMACIA E ANTROPOLOGIA

Roberto DaMatta

m fato sociológico de relativa complexidade permite aproximar a diplomacia (ou a arte de tratar das relações internacionais) da antropologia (ou a arte de compreender as sociedades exóticas).

ANO I Nº 6

Quero me referir a enorme sensibilidade de alguns diplomatas para certos problemas culturais. A uma notável percepção para certas questões de distância cultural que fazem enxergar (e não apenas ver como ocorre com os turistas...) os abismos que arbitrariamente separam os povos e se exprimem nas grandes desavenças que liquidam a diplomacia, iniciando as guerras; e nas manifestações muitos mais frequentes e prosáicas presentes nas trivialidades do dia-a-dia. Não somente nas regras das boas maneiras à mesa, tarefa que qualquer mestre de cerimônia logo aprende a dominar, mas na linguagem, nos estilos de viver e conceber o mundo, nas receitas para enfrentar a dor e o infortúnio. Enfim, naquele conjunto de normas aprendidas pelos homens enquanto membros de uma sociedade que os antropólogos chamam de cultura ou ideologia.

Ninguém melhor do que os diplomatas e os antropólogos, conhece a dificuldade da tradução e o fosso que separa as palavras quando se passa de uma língua para outra. Nada melhor para avaliar as diferenças entre as sociedades, do que tomar parte em seus rituais, descobrindo no conjunto obrigatório dos seus gestos, vestes, falas, distâncias, recitações e personagens, pertubadoras concepções de mundo.

Nada melhor do que viver ritualizando o mundo, querendo passá-lo a limpo, vivendo-o como algo elegante, concebendo-o como algo passível de salvação pelo diálogo e pela racionalidade, para compreender esse mundo culturalmente.

Não no sentido linear, evolucionista racional que faz parte de uma trivial concepção lluminista da vida. Neste sentido banalizado pelos grandes centros de civilização do ocidente, "cultura" nada mais é do que maior comando da natureza e maior conhecimento de fatos de todos os tipos. Nessa concepção, quem tem mais é superior. Como conseqüência, as sociedades também estariam escalonadas, pertencendo aos círculos celestiais ou infernais. Nesta perspectiva, existiriam sistemas superiores e inferiores, países centrais e esse nosso resto do mundo.

Mas as viagens que são a marca registrada da diplomacia e da antropologia, promovem uma leitura mais generosa do mundo. Pois elas revelam que o conhecimento não é somente uma concepção que permite realizar alguma coisa prática - um juntar de armas ou dinheiros; mas é, acima de tudo, uma experiência humana. Algo que é parte de um estilo de vida que se afirma como construção do mundo. Afinal de contas, somos seres humanos primeiro e brasileiros por acaso? Ou somos seres humanos precisamente (e somente porque) somos, afinal de contas e, vale acrescentar, apesar de tudo brasileiros?

Uma resposta diplomática acentuaria um equilibrado meiotermo. A vivência antropológica e trans-diplomática, aquela que afeta tantos de nós que tivemos um contato íntimo com o chamado "primeiro mundo", ensina que há um pêndulo que vai ferindo gradualmente as nossas almas, tal

como naquele conto de Edgar Alan Poe. Quando falamos dos "direitos do homem e da mulher, das crianças e dos animais", da segurança de andar em certas partes de Paris, Nova York ou Londres, somos é claro, cidadãos do mundo por natureza e brasileiros por acaso. Mas quando sentimos saudade e queremos experimentar o sabor de uma feijoada -

sabor que vai além do que se come, incluindo os amigos, a casa, o sol e até mesmo a cozinheira então, é claro, somos brasileiros e, por isso, humanos. Aqui, a cultura não é mais nem etiqueta, nem uma norma universal e externa universal que pode ser aprendida na escola ou imposta pelas receitas do FMI. Ao contrário, é uma coisa internalizada e global - única - que se intensifica com a distância e que vai além das considerações estéticas ou intelectuais, pois é algo que vive dentro de nós.

Pois bem, é essa sensibilidade antropológica, sensibilidade que tem ajudado a balizar as propostas mais banais de um racionalismo dominante, que surge como um hóspede não convidado nos círculos diplomáticos, fazendo que eles se descubram como companheiros da antropología.

Pois como viver autenticamente outro sistema sem, no entanto, esquecer a nossa cultura? Como traduzir de outra língua aquela expressão tão peculiar? Digamos, os reflexivos em Inglês, os "self" que permitem dizer: "take good care of yourself" e "put yourself together", que tanto fascinavam

"Saudade é a mensagem dos ausentes à pátria e aos amigos.

Saudade, como vêdes, é a hera do coração..."

Jorge Luis Borges precisamente porque são inexistentes e intraduzíveis em Espanhol ou Português. Como tornar racionais conjuntos de costumes percebidos como exóticos, estranhos, inferiores? Numa palavra, como traduzir saudade?¹

Joaquim Nabuco que é certamente o patrono de toda uma linhagem de diplomatas com essa sensibilidade sociológica, conhecia bem essas barreiras e dificuldades que tocam a questão filosófica da incomensurabilidade cultural elaborada por gente como Quine e Wittgenstein, e vai muito além da diplomacia. Realmente, em 1909, falando no Colégio Vassar ele disse, muito antropologicamente, tratando de traduzir o conceito saudade:

"Mas como traduzir um senti-

mento que em língua alguma, a não ser na nossa se cristalizou numa única palavra? Consideramos e proclamamos esse vocábulo o mais lindo que existe em qualquer idioma, a pérola da linguagem humana. Ele exprime as lembranças tristes da vida, mas também suas esperanças imperecíveis. Os túmulos, trazem-no gravado como inscrição: saudade. A

mensagem dos amantes entre eles é saudade. Saudade é a mensagem dos ausentes à pátria e aos amigos. Saudade, como vêdes, é a hera do coração, presa às suas ruínas e crescendo na própria solidão. Para traduzir-lhe o sentido, precisaríeis, em inglês, de quatro palavras: remembrance, love, grief e longing. Omitindo uma delas, não se traduziria o

sentimento completo. No entanto, saudade não é senão uma nova forma, polida pelas lágrimas, da palavra soledade, solidão".

Creio que essa sensibilidade reflexiva que vêm com as viagens que permite juntar diplomacia e antropologia. Pois diferentemente das viagens turísticas que confirmam todas as superioridades, trata-se de uma viagem carnavalizadora e de ponta-cabeça, na qual quem se deseja em causa é o próprio viajante. Viajante que abre mão de ser único foco de entendimento e o fiel exclusivo da balança do viu, que aprendeu e viveu.

FICHA TÉCNICA

ADB - Boletim da Associação dos Diplomatas Brasileiros — ANO 1 Nº 6 - OUTUBRO 1993

EDITADO PELA ASSOCIAÇÃO DOS DIPLOMATAS BRASILEIROS (ADB)
CONSELHO EDITORIAL: JOSÉ ANTONIO DE MACEDO SOARES, VIRGÍLIO
M. DE ANDRADE, CARLOS PEREZ, JOSAL PELLEGRINO, ANDRÉIA RIGUEIRA
JORNALISTA RESPONSÁVEL: DIVA GRADILONE
EDITORA: MARIA TERESA MESQUITA PESSÓA
DIAGRAMAÇÃO: TÂNIA REGINA SANTOS RAMOS/SAMUEL TABOSA DE CASTRO
ILUSTRADOR: ARTHUR HENRIQUE VILLANOVA NOGUEIRA

REVISÃO FINAL: KATIA GILABERTE SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: TÂNIA REGINA SANTOS RAMOS IMPRESSÃO E ACABAMENTO: SÓBRINDES LINHA GRÁFICA E EDITORA TRAGEM: 1.250 EXEMPLARES. ENDEREÇO: MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES, ANEXO ADMINISTRATIVO I, TÉRREO. AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO DA RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES.

¹ Veja-se algumas dessas dificuldades no meu ensaio "Sociologia da Saudade" publicado no primeiro capítulo do meu livro Conta de Mentiroso.

PONTO DE ENCONTRO

FUTUROS COLEGAS

Há certas coisas no Itamaraty que a gente dá por descontadas, mas que explicam a singularidade da nossa Casa em relação a outros setores da Administração Pública.

Estive a cargo da organização da recente Reunião dos Países Produtores de Café, realizada no auditório do Itamaraty. Em determinado momento, fomos informados que a falta de intérpretes de cabine em dois comitês ameacava paralizar ou, no mínimo, atrasar perigosamente os trabalhos.

A única solução era conseguir rapidamente quatro intérpretes para "grudar" com os delegados que tinham dificuldade de comunicação. Não dava tempo para contratá-los em Brasília. Era o intervalo do almoco oferecido pelo nosso Chanceler e a Reunião retomaya às três da tarde.

Saí para a lanchonete(?!) do Anexo II à procura do Ralph Peter Henderson, lotado no IRBr, para ver se ele me indicava alguns jovens colegas recém-formados que pudessem ajudar.

Encontrei-o sentado na chamada "mesa cativa" da diretoria, que é como se designa na brincadeira a mesa da lanchonete, qualquer delas, onde se reúnem os colegas mais antigos e frequentadores assíduos. Ralph apontou para uma mesa ocupada por vários alunos do 1º ano do Rio Branco. Naturalmente constrangido, "ataquei" a turma, meio sem saber o que fazer em caso de uma reação negativa. O que aconteceu em seguida deixoume surpreso e emocionado: seis deles prontificaram-se, sem hesitação, a descer para as salas (saunas?) geminadas. Ficamos com quatro e deixamos os outros dois de sobreaviso.

Devo dizer que enfrentaram com muita competência o desafio de cair de paraquedas no meio de uma reunião multilateral, sobre um tema complexo e com vocabulário específico.

Entretanto, esse desempenho não foi o que me surpreendeu. Emocionou-me, sim, a vibração dos jovens futuros colegas, desejando participar, sem maiores perguntas, de uma atividade da Casa.

Antes de citar seus nomes. devo dizer que tive o cuidado de não empregar a justificativa meio cínica de que isso serviria de experiência para suas carreiras, que é o clichê usado para convocar o pessoal do Rio Branco, sempre que há necessidade dessa mão de obra supercompetente e maravilhosamente barata.

Aos futuros colegas Francisco Canabrava, Leonardo Gorgulho, Marcelo Della Nina, Maurício Lyrio, Paula Marques Porto e Rodrigo Gabsch os meus agradecimentos por mostrarem que o Itamaraty tem, na vocação de vocês, muito combustível para o futuro.

Carlos Alfredo Lazary Teixeira Conselheiro -

BOLETIM Nº 4

Parece que aguardei o número 4 para externar minha opinião sobre o Boletim da ADB. Confesso que não tive tal motivação de reserva, ou cautela crítica. Na verdade, nunca duvidei que o Boletim alçaria vôo, conduzido pela competência do seu Conselho Editorial. Contudo, após a leitura do número 4 não posso deixar de expressar minha aprovação, meu contentamento. A escolha e o tratamento das matérias é criterioso e excelente, em todos os sentidos. Mas, neste nº 4, quero realçar a homenagem do Professor Seitenfus ao colega Paulo Mendes de Carvalho, morto, recentemente, no cumprimento do dever. Que o Boletim continue a divulgar o que temos de melhor e tudo que dignifique a nossa difícil e amada profissão. A divulgação do bom é o melhor antídoto do mal. Dispensa a crítica ao que ainda temos de precário (não somos perfeitos). Excelente também, especialmente para "Old Soldiers", a matéria do brilhante Flávio de Oliveira Castro, biógrafo do Barão em Liverpool, cuja reedição reclamamos (sugestão para a ADB). Gostei também das considerações etimológicas de Flávio sobre o termo aposentado. A definição que melhor caberia ao simpático colega é a de quem pratica o "ócio com dignidade", e inteligência

Enfim, tudo é bom no nosso Boletim, sobretudo o fato de reunir a família (mensalmente) através de suas folhas amarelas, ainda mais amareladas pela conotação outonal dada pelos "Old Soldiers" e também pela divulgação dos endereços (sem telefones) dos velhos combatentes, que finalmente podem localizar-se, fazer contato. O Boletim veio suprir uma enorme lacuna em profissão tão nômade como a nossa. As coisas acabam acontecendo quando têm que acontecer, quando são esperadas. Obrigado meus colegas da Diretoria da ADB. Parabéns.

Marco Aurélio dos Santos Chaudon Ministro Aposentado - Rio de Janeiro

UMA AVENTURA DAS ARÁBIAS (ou de como perder a inocência diplomática)

Sérgio Tapajós

aracterísticas gerais: a) segundo posto, Cairo, seguindose a Bonn; b) assumido o posto, três meses depois, mal tendo recebido a mudança e o carro, estoura a guerra entre Israel e Egito, a que ficou conhecida, conforme o lado escolhido, como a Guerra do Ramada ou a Guerra do Yom Kipur; c) ao estourar o conflito, encontrava-me em meu primeiro correio-diplomático, em Roma; d) a família ficara no Cairo.

Essa pequena introdução torna-se necessária para que se avalie o grau de inocência do pequeno diplomata, ainda sofrendo de um certo estado de choque, após três anos conturbados na Alemanha enraivecida com o tratamento dispensado no Brasil aos famosos direitos humanos, em plena administração Médici. O inocente havia solicitado Lima, com o que a Secretaria de Estado concordara, mas na última hora o telegrama veio com a remoção para Cairo, sem qualquer consulta prévia. Achava que era assim mesmo...

Mas, para alguém com formação histórica baseada em distorção familiar, o Cairo se apresentava como uma aventura (o que até foi). Chegamos em pleno verão, após enormes confusões no aeroporto de Munique, assolado por uma greve de operadores da torre de controle, vinte e quatro horas de aeroporto. Se na bagagem houvesse papagaio, o pobre animal jamais seria objeto de novas piadas. A recuperação, no entanto, foi gratativamente amena. O Cairo é uma cidade imensa, intensa e dolorosamente povoada, com o pior e mais barulhento trânsito do mundo, suja, na época caindo aos pedaços em virtude do regime fechado da era pós-Nasser. Claro que se aproveitam os momentos livres para se conhecer tudo, pirâmides, museus, Esfinge, fortalezas islâmicas, no sentido de entender o que se passa à sua volta. A língua difícil, só mesmo com aulas. Mas a universidade estava fechada e não havia cursinho para estrangeiros. O jeito era começar como Tarzan: eu amigo, você amigo.

Tive de esperar três meses para entrar na lista de viagens do correiodiplomático. A essas alturas, com precariedade da vida cotidiana, a lista de
compras a satisfazer em Roma era quilométrica. Mas, sem problemas, um
amigo italiano com carro prontificara-se
a ajudar e assim o fêz. No dia do regresso convidou-me para almoçar em
sua casa de campo e depois me levaria

ao aeroporto. Quando ali cheguei, uma enorme confusão. Não levou muito para descobrir o que se passava. A moça do check-in da Alitália disse: "mas o senhor não pode ir para o Cairo!" e eu: "ma, perchè?", e ela: "cè la guerra!" Pronto, e a família? Aqueles dois dias em Roma não haviam convidado à leitura de jornais, a família de meu amigo se desdobrara de gentilezas, amenizando aquela primeira ausência a serviço. Na verdade, a guerra explodira e o Egito avançava sobre o Sinai. Voltando à Embaixada, no domingo à tarde, consegui realizar as comunicações de praxe e, por incrível que pareça, até para o Cairo falei ao telefone, a família estava bem nada acontecia na cidade, apenas black-out obrigatório e couvre-feu após meia-noite. A Embaixada amparava o pessoal, mas eu queria voltar para o posto de qualquer modo. A ordem do dia seguinte veio para que permanecesse em Roma até segundo aviso, diárias seriam providenciadas. O então Conselheiro Sérgio Bath foi gentilíssimo e prestativo e os funcionários da chancelaria também, procurando suavisar a ansiedade e a tensão, Julio Sanchez, então Secretário e Ana Maria. amiga antiga, levaram-me para sua casa para que aguardasse a solução em ambiente familiar. Telefonemas diários, ou tentativas de, fizeram-me amigo e confidente das telefonistas internacionais da Itália. A família continuava bem e o Cairo incólume. Dez dias depois da intensa agonia, uma luz: Kadafi da Líbia, entusiasmado com o avanço egípcio sobre o Sinai, resolvera abrir o aeroporto de Bengazi para os egípcios e para a ajuda externa ao Egito. Pedi entrevista ao Diretor Geral da Egypt Air em Roma. Expliquei-lhe a minha situação e ele prometeu-me uma vaga no primeiro avião para Bengazi. Cumpriu. Fui autorizado a abrir a mala diplomática, dela retirar qualquer mensagem não-ostensiva e a manter o caráter de meu regresso como correio-diplomático, acreditando-se que isto facilitaria meu trânsito. Tanta inocência! Embalei todos os jornais do dia na mala diplomática, coloquei meus objetos pessoais em uma pequena bolsa de viagem de mão, deixei todas as compras e encomendas em Roma e preparei-me para a aventura. Mas uma chamada da Grécia assustou-me. A família, apavorada, havia conseguido embarcar em um navio alemão e já estava em Salônica. O amigo italiano foi providencial. Seu pai, um dos donos de importante companhia de navegação, conseguiu colocá-los em avião para Roma.

Chegaram poucas horas de meu embarque no avião egípcio para início de uma louca aventura.

Eu estava munido de um laisserpasser, escrito em árabe e carimbado pela Embaixada do Egito em Roma, explicando a minha situação. Nunca poderia imaginar que uma folha de papel fosse ser tão dobrada e desdobrada. Era o único gringo entre 132 passageiros egípcios desesperados. Abismavame como viajavam, carregados com 500 malas e embrulhos, caixas com aparelhos de TV e outros eletro-domésticos, café, comida, brinquedos enfim toda parafernália que caracteriza o terceiro mundo de economia fechada, embalado de sonhos de consumo. Igualzinho ao Brasil. O nervosismo das pessoas era como uma corrente elétrica, atingia a tudo e a todos. Ainda não estava totalmente acostumado com os árabes e imaginava que viviam brigando e gritando por qualquer coisa. Mas, nada, é jeito deles mesmo. Olhavam-me com um misto de curiosidade e espanto. Que faria aquele gringo louro no meio deles, voltando a uma pátria dilacerada por um sangrento conflito? Se pudesse, ou se soubesse, diria que era um simpatizante, pois os nossos postos acabam se tornando uma espécie de pátria adotiva. Mas, como não sabia me exprimir, achei melhor observar somente. No avião, cantavam-se (o que imaginava serem) hinos ou canções guerreiras. E eu imaginava também que os jovens egípcios ali embarcados iam se constituir em lindas buchas de canhão. A viagem noturna fazia-me sentir qual Saint Exupéry em seus solitários correios, onde a imensidão negra dos céus prenunciavam tragédias sobre a terra. Chegamos a Bengazi ainda de noite. A confusão e a desorganização egípcia fazem tudo parecer uma imensa Suiça em comparação aos líbios. O aeroporto de Bengazi, pequeno e às escuras, assemelhava-se a um formigueiro, cheio de soldados para todos os cantos, a gritarem que nem personagens cegos de tragédia grega. Uma sala mínima acomodou os 133 passageiros, para os quais foram distribuidos formulários imensos. Só que tudo em árabe, pois Kadafi tinha decretado recentemente que na Líbia não podia haver qualquer escrita de outro idioma. Coisas de nacionalismo. Eu devolvi o meu formulário, para espanto do jovem oficial líbio no balcão. Pedi em inglês um formulário em inglês. Ouvi exaltadas palavras que não entendi, mas pelas caras dos egípcios ao meu redor achei que eram pala-

vrões. Retruquei com os nossos bons palavrões em português. Os egípcios, que vivem apavorados com os líbios até hoje, apaziguaram os ânimos e um deles se voluntariou para escrever aqueles rabiscos para mim. Como o formulário era uma verdadeira entrevista. logo meus companheiros de vôo tinham todas as informações sobre minha vida pessoal, profissional, religiosa, civil e penal. Eu não sabia, porém, que já me havia tornado herói para eles, por ter afrontado o meganha líbio. Eles também não sabiam que no Brasil a gente tinha de ter jogo de cintura para tratar com as pequenas autoridades. De gritos em gritos fomos entrando um a um em um cubículo adjacente. Todos que entravam saíam com caras consternadas. Na minha vez, armou-se o caos.

Os líbios não falavam inglês, eu não falava árabe e queriam que engolisse uma pílula. O problema não era a pílula, mas sim a água que davam em uma concha de sopa de alumínio. Discretamente coloquei o torpedinho debaixo da língua, bebi dois goles. Ao sair da sala, retirei a pílula da boca e guardei-a no bolso. Na alfândega outro caos (não é por acaso que a palavra é de origem árabe), pois os líbios não tinham idéia do que é passaporte diplomá-

tico, mala diplomática, correio diplomático. O laisser-passer era dobrado e desdobrado, as dúvidas me eram perguntadas em árabe e respondidas em inglês, e ficava tudo por isso mesmo. Como eu só carregava a mala de mão e, dentro dela a mala diplomática dobrada, os líbios não se conformavam, pois os outros traziam toneladas. Descobri um embrulho estranho e apavorei-me. Eram apenas sanduiches (um de presunto) que a família havia colocado na bolsa para alguma emergência. Santos sanduiches. Após horas de espera para liberarem os egípcios, fomos levados para uns ônibus estacionados junto à porta lateral do aeroporto. Os egípcios já se haviam acostumado comigo e conversavam em tudo que é língua, pois todos são poliglotas mesmo, de fazer inveja a qualquer político tropical. A verdade foi dura de constatar. Iríamos para o Cairo de ônibus, veículos caindo aos pedaços, que nem paus-de-arara. Instalei-me nos bancos trazeiros. Minha vizinha, uma senhora egípcia funcionária da Agricultura, voltava de um tratamento renal inacabado em Roma e de uma reunião, como sempre acontece com organismos internacionais, também inacabada, da FAO. Por volta de oito da manhã o comboio

de ônibus partiu. A viagem leva, normalmente, umas duas horas até a fronteira do Egito e, de lá, umas três horas até Alexandria. De Alexandria ao Cairo são também duas horas. No total umas oito/nove horas de ônibus. Mas as coisas não podem ser simples nas Arábias. O momento era terrível, pois estávamos em pleno Ramada, que é o mês de jejum dos muçulmanos, quando eles são proibidos de comer ou beber desde que o sol se levanta até que se ponha. Depois empanturram-se até o raiar do dia. Os mais dogmáticos não admitem nem fumar e até engolir saliva pode ser pecado. Os ônibus eram constatemente parados pelas milícias líbias. Cada parada representava uma discussão louca (ou um simples diálogo) entre o motorista e os soldados, o povão egípcio

Descobri um embrulho estranho e apavorei-me. Eram apenas sanduiches...

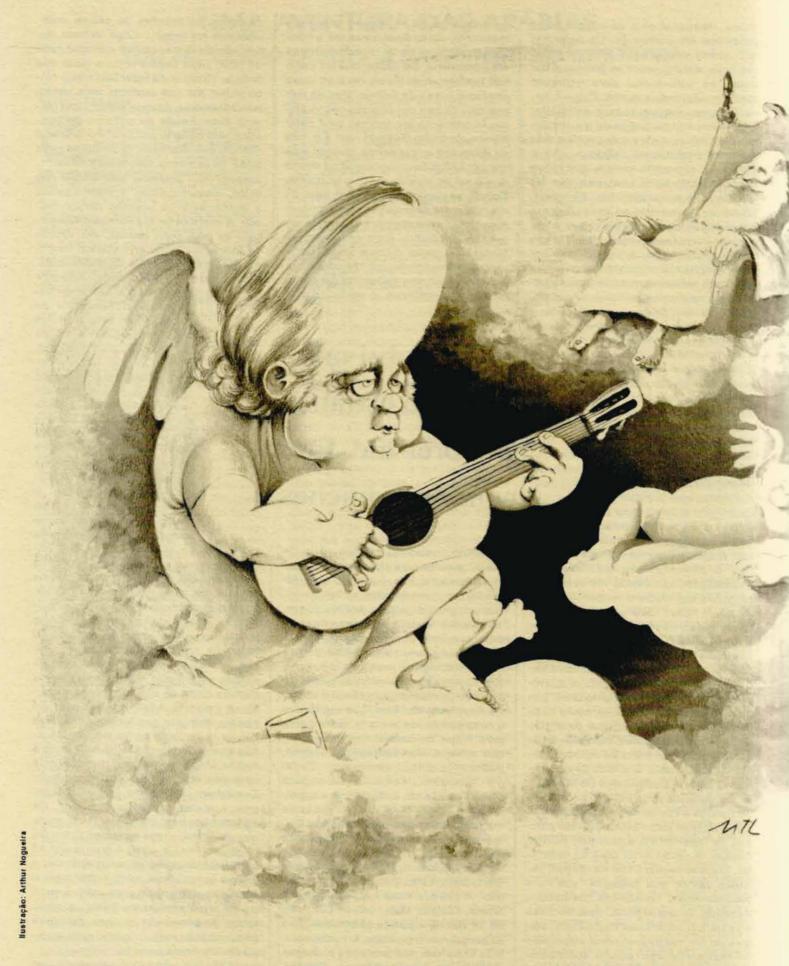
esgotado, calado. Levamos mais de quatorze horas para chegarmos ao posto da fronteira, Era, portanto, noite fechada, em pleno deserto, ao longe apenas um grande galpão. Acontece que, na véspera, Sadat havia interrompido o avanço egípcio no Sinai, obedecendo à estratégia segundo a qual mais avanço representaria sério problema logístico e que bastava a retomada dos poços de petróleo (simbólica, pois Israel já os havia esgotado) do Sinai, que significava a reconquista de metade do deserto, para forçar os israelenses a negociarem à mesa. Mas Kadafi ficou furioso, pois queria chegar vitorioso com Sadat até Jerusalém... Como não conseguira convencer Sadat, ordenou uma gigantesca operação-tartaruga no posto de fronteira, único caminho aberto do Egito para o resto do mundo, inclusive para os jornalistas que cobririam o conflito do lado egípcio. E, assim, as tartarugas (não ninjas) líbias instalaram-se no galpão. A estrada ficou tomada de caminhões, ônibus, taxis, carros por mais de 12 Km de egípcios alucinados para atravessarem a fronteira. O nosso comboio tinha sido dos primeiros a chegar, mas não conseguia se liberar. Os oficiais líbios chegavam aos motoristas mandavam descarregar tudo. Tirávamos

as malas, os pacotes, as caixas, colocávamos no galpão. Logo vinham outros oficiais e mandavam carregar tudo de novo para dentro e para cima dos ônibus. Tivemos de fazer isso umas cinco vezes até que ouvimos uma sirene ensurdecedora. Ataque aéreo! Uma correria desenfreada de milhares de pessoas pelo deserto noturno. Escuridão e silêncio assustadores. Duas horas mais tarde, nova sirene. Não tinha sido nada. apenas uma pequena brincadeira dos líbios. Recomeçamos, a mando deles, a descarregar os pacotes para o balcão. A senhora da Agricultura desesperava-se pois suas pernas, em virtude da insuficiência renal, estavam monstruosamente inchadas, paquidérmicas. O cansaço dominava a todos. Olhavamme como se eu fosse a salvação de-

> senganada. Tomei-me de brios. Juntei toda a minha estatura mediană e fui gritar com um líbio qualquer, pois qualquer um servia, para acabarem com aquela palhaçada, pois ali estavam cento e trinta e dois egípcios querendo voltar à pátria em um momento difícil de sua história e eles líbios como irmãos muçulmanos tinham de demonstrar respeito e consideração, e tome blá blá blá de político paruasiano. Por incrivel que pareça, o líbio falava inglês

e mostrou-se humano. Como por encanto o nosso comboio foi dirigido ao posto egípcio a uns duzentos metros adiante. Lá havia chá para todos, banheiros disponíveis e amabilidades dos oficiais. Todos choravam, inclusive os policiais e eu. Pela manhá estávamos todos de novo encarapitados no ônibus, a senhora da Agricultura com as pernas para o alto e com uma garrafa térmica cheia de chá, os jovens a cantar os mesmos hinos, e todos com um sorriso diferente nos lábios. Uma hora depois, o comboio parou em um balneário chamado Marsa Matrouh. O claro e suave Mar Mediterâneo transparecia uma paz que só ali se fazia verdade. Como bom carioca, dei o sinal, tirei sapato e meias e corri para o mar. Os egípcios também o fizeram. O dia anunciou-se febril, como qualquer outro dia do Egito. Para o povo a guerra era só mais um transtorno da sobrevivência, e estava longe. Para mim, voltar para o Cairo era como voltar para casa, a guerra em seus momentos finais, a esperança do prenúncio de dias melhores para o mundo, com um gosto meio amargo de inocência perdida.

A viagem, essa louca aventura árabe, durou 36 horas. O mundo piorou depois.



Por ocasião dos oitenta anos

A LUZ EM VINICIUS

Francisco Alvim

Houve um tempo em que Schmidt e Vinicius dividiam as preferências como maior poeta do Brasil - nesse jogo bobo de se querer medir tudo Drummond um dia disse: alguém já me mediu para saberem se de fato sou o maior poeta?

Pois a poesia quando ocorre tem mesmo a perfeição do metro nem o mais nem o menos - de um metro ninguém de nadas

Aqui de Brasília
é bom pensar em Vinicius
A elegância do traço da cidade
é carioca, cosmopolita
embora Niemeyer talvez tenha
aprendido a mexer com o ar
com as velhas igrejas aladas de Minas

Brasília lembra Tom Jobim
o mar
Machado
(sua forma lúcida)
e Vinicius
o verso claro de Vinicius
na boa linhagem de Bandeira
só que de um outro jeito
(mais português!)

Não conheço melhor medida da inteligência do sentimento

O verso claro de Vinicius extraído da ganga bruta do Brasil bronco das ditaduras diamante da alegria mesmo na melancolia Mário já dizia parece que pensando em Vinicius até a tristeza é uma alegria - e forte, tão mais forte do que a apagada e vil perfídia



MIGUEL OZÓRIO, Diplomata e mestre de diplomata

Mauro Mendes de Azeredo

uando o Deputado José de Magalhães Pinto assumiu a pasta das Relações Exteriores, em 1967, recorreu a um procedimento usual entre empresários e políticos para informar-se dos nomes de maior conceito no Itamaraty. Solicitou a pessoas de suas relações, entre ex-Ministros e altos funcionários, que lhe preparassem listas de diplomatas, que, a seu juízo, fossem os mais brilhantes e preparados.

Miguel Alvaro Ozório de Almeida, ao contrário de alguns colegas seus de turma, ainda não era Embaixador. No entanto, a honrosa repetição em elencos elaborados por autores tão díspares o faria, desde logo, merecedor da atenção e do respeito do novo Ministro, que não tardaria em confiarlhe uma delicada, difícil e importante missão.

Esses três objetivos parecem acompanhar a trajetória de Miguel Ozório no Itamaraty. De uma família de notáveis cientistas médicos, Miguel entrou para a carreira, por concurso, em 1942. Não pretendo aqui desfiar os postos, as comissões e a cronologia da sua progressão funcional. Sem embargo, e pensando sobretudo nas jovens gerações que não o conheceram pessoalmente, acredito oportuno aventurar-me a esboçar uns tantos traços desta personalidade marcante.

O meu amigo Miguel Ozório de Almeida vive hoje no Rio de Janeiro. Aposentado na década de oitenta, Miguel continuará a participar, a despeito de dificuldades, na realidade nacional através de suas idéias e de um irreprimível entuasiasmo

Como diplomata, Miguel Ozório se assinalou pela inteligência, cultura, coragem, caráter e originalidade em suas colocações. Miguel nunca viu as suas posições na carreira em função das considerações de poder. As tarefas o interessavam na medida de sua relevância para o Brasil. Se, além disso, tais missões se afigurassem igualmente difíceis e delicadas, crescia a sua vontade em enfrentar-lhes o desafio.

Na verdade, é traço distintivo da presença de Miguel Ozório na carreira diplomática o seu envolvimento com os grandes temas de nossa política externa. Ele foi, antes que a organização da Casa sequer considerasse esta função, um roving ambassador, a quem se cometiam as principais questões do multilateralismo.

Das inúmeras salas de sua carreira, me abalançarei a abrir apenas algumas. Em todas, eu o verei receber-me com um gesto amplo, sentado atrás de uma mesa, cheia de papéis, livros e uma calculadora. A sua voz, por vezes metálica, acolherá qualquer assunto, porém saberá, com a fluidez de uma corrente, levar o interlocutor a discutir o tópico que ora recebe a sua atenção prioritária e profissional.

O meu contato inicial com o Ministro Ozório de Almeida foi na primeira sessão do Comitê Preparatório da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, em 1963. Miguel, através de estudos e statements propedêuticos, lançara o arcabouço que informaria a posição brasileira e iria conduzir à criação da UNCTAD.

Anos mais tarde, de regresso à Secretaria de Estado, em 1974, aceitei o seu convite para trabalhar a seu lado na preparação da posição brasileira sobre população. Considero os oito meses que colaborei diariamente com ele como a minha sabbatical leave. Dada as circunstâncias de então, a sua companhia abria os espacos da pesquisa e da aventura intelectual. O seu carisma faria esquecer ao eventual colaborador prespectivas associadas com outras opções quiçá mais remuneradoras se bem que menos estimulantes.

Nesse convívio, pude conhecêlo melhor e admirá-lo ainda mais. Miguel foi mestre de várias gerações de diplomatas, a quem conquistou por exemplo e palavra. Intelectual, matemático, economista, estudioso das ciências exatas, Miquel sabia associar a veia do espírito a atividades que para muitos, pareceriam, senão contraditórias, pelo menos pouco comuns para um scholar. Pois, Miguel conjugaria os estudos em universidades americanas, com a prática do box, em que chegaria a ser campeão amador.

Mas voltemos à diplomacia. Se buscarmos indicar algumas das contribuições de Miguel Ozório não só para a nossa política externa, senão para a evolução da política multilateral interamericana, poderíamos escolher, na década de cinqüenta, a sua participação, durante o segundo governo Getúlio Var-

gas, na consolidação da CEPAL - quando colocou a sua própria carreira em risco - e, na administração de Juscelino Kubitschek, ao empenhar-se, de maneira substancial, na formulação da Operação Pan-Americana.

A cavalo dos anos cinquenta e sessenta, o encontramos, primeiro na Embaixada em Washington, como Primeiro Secretário e Ministro-Conselheiro, e depois, na Embaixada em Moscou, logo após o restabelecimento de relações diplomáticas.

Agora não mais circunscrito a um contexto interamericano, no ministério Magalhães Pinto, será Cônsul-Geral em Hong-Kong. A sua observação da China continental irá preparar, quando as condições políticas o permitirem, o nosso reconhecimento da República Popular da China.

No início da década de setenta, o vemos ocupado com a formulação de uma posição brasileira sobre patentes. Segue-se a conferência de Estocolmo sobre Meio Ambiente e a III Conferência Mundial sobre População. Em todas essas oportunidades, Miguel Ozório, ao lançar e aprofundar a própria teorização acerca do interesse específico do Brasil, como país em desenvolvimento, saberia forjar posições de liderança, suscetíveis de colher o apoio de uma larga faixa de países com situações econômicas similares.

Depois de uma missão de três anos na Austrália, como Embaixador, Miguel retornou à Secretaria de Estado como Chefe do Departamento de Ciência e Tecnologia.

Completa a carreira de Miguel Ozório de Almeida e, de certo modo, a conforma, a longa e proveitosa interação que no curso de mais de trinta anos manteve com as Nações Unidas. Desde a sede provisória em Lake Success, re-

gistra-se a sua presença. Delegado que dominava forma e substância, desde cedo ele se afirmaria nesse ambiente, em que a capacidade individual sobreleva qualquer outro título.

Recordo-me, a propósito, da raiva algo incoerente de um delegado de país desenvolvido, que deblaterava contra as parliamentarian tactics do delegado do Brasil. Por haver revertido uma situação desfavorável, Miguel responderia com leve sorriso aos reclamos pouco articulados do adversário derrotado. Profissional e proficiente, Miguel Ozório sabia dosar as suas intervenções, preocupado sempre em prevalecer, mas não em alienar possíveis, ainda que improváveis, aliados futuros.

Não fosse a sua eterna busca de desafios, necessariamente difíceis e delicados, desde que importantes para o Brasil.

Fluxo de Carreira

PESQUISA ADB

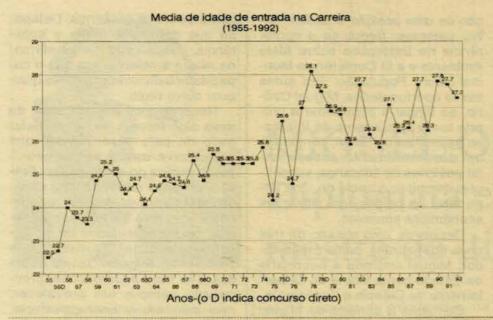
odas as turmas do Instituto Rio Branco empreendem o mesmo exercício de futurologia e com resultados similares: tentar entrever quanto tempo tardarão as promoções. Quase sem exceção as previsões se afiguram tétricas. O primeiro colocado da turma recém-formada será, digamos, o Terceiro-Secretário de número 150; existem 180 Segundo-Secretários e 174 Primeiro-Secretários. A um ritmo de 15 promoções por ano, o aluno mais bri-Ihante da nova turma deverá demorar nada menos do que um terço de século para chegar a Conselheiro.

Como regra geral, tais previsões revelaram-se pessimistas por não levar em conta os aumentos de quadros. Em uma geração, o número de diplomatas passou de 473 em 1960 para os atuais 951 cargos existentes. Este incremento possivelmente seja inferior a todos os demais índices de crescimento do País no período, mas ainda foi capaz de permitir uma normalidade no fluxo de carreira, ou seja, permitiu que os integrantes de todas as turmas tivessem expectativas de chegar a Embaixador.

No entanto, o último aumento de quadros ocorreu em 1986. Cumpre indagar se as "previsões tétricas" das turmas mais recentes possui fundo de verdade. Uma medida do fluxo de carreira pode ser encontrado no avanço da numeração dos Terceiro-Secretários nas listas de antiguidade. Por exemplo, em janeiro de 1989 um determinado diplomata ocupava o número 134 e, um ano depois, era o número 110. A "velocidade" do fluxo em 1989 foi, por conseguinte, 24 posições. Pela mesma medida, a "velocidade" do fluxo foi de 26 em 1990, de 18 em 1991 e de 21 em 1992. Em outros termos, o fluxo médio anual nos últimos 4 anos foi de 22,25 posições. Em visão simplista, a permanecer a mesma "velocidade", o mais novo dos atuais Terceiro-Secretários (número 114) deveria esperar cinco anos para ser promovido.

Qualquer previsão mais elaborada depende de vários fatores imponderáveis. Nos próximos anos permanecerão inalteradas todas as atuais regras da carreira? A Chefia da Casa, por exemplo, já divulgou a intenção de ser considerada na revisão constitucional proposta (adiantada pela CAOPA) de o Serviço Exterior Brasileiro ter regulamentação específica em lei ordinária. Como estimar nos cálculos atuariais quantos colegas estarão deixando (por falecimento ou pedido de demissão) a carreira? Quantas das vindouras promoções estarão evitando a provável passagem para o Quadro Especial de Conselheiros e Ministros? Em outros termos, qualquer previsão torna-se rapidamente um emaranhado de hipóteses, suposições e pressupostos.

Um dos poucos dados relevantes seguro neste tipo de análise diz respeito à idade média no momento de formatura dos Terceiro-Secretários. Como pode ser visto pelo gráfico abaixo, este dado re-



vela tendência de alta com o correr do tempo. A turma do Rio Branco ao formar-se em 1955 possuia idade média de 22,5 anos, dado a ser cotejado com o de 27.5 anos da mais recente turma. Este fato aliado a tempo maior para ser alcançado o último posto da carreira (vide boletim número 5) tende a "envelhecer" os quadros. Somando-se a idade média atual no momento de formatura (27 anos e 6 meses) com o tempo médio para ser alcançado o posto de Ministro de Primeira Classe (29 anos e 8 meses) e descontando-se os dois anos de Rio Branco teremos idade média provável em torno de 55 anos para a última promoção. &

Erramos: A tabela da situação funcional dos Ministros de Segunda Classe ao serem promovidos a Embaixador publicada na edição número 5 do boletim apresentou erro nos anos de 1993, 1992 e 1987. Os totais das colunas e linhas estavam corretos, mas com os nossos pedidos de desculpas pelo "deslize", publicamos a seguir as correções das linhas com erros na tabela original:

1993, onde se lê Gabinete/SG - 1, leia-se Outros Órgãos - 1; 1992, onde se lê Gabinete/SG - 1, leia-se Presidência - 1 e

1987, onde se lê Gabinete do Ministro - 1, leia-se Outros Órgãos - 1.

ATA DA ASSEMBLÉIA-GERAL EXTRAORDINÁRIA DE 27 DE SETEMBRO DE 1993

Assembléia-Geral Extraordinária da Associação dos Diplomatas Brasileiros (ADB) foi iniciada às 19:20 horas de 27 de setembro de 1993, no auditório do Instituto Rio-Branco. Os trabalhos foram presididos por José Antônio de Macedo Soares, na condição de Presidente da Associação, e todos os membros da Diretoria, com exceção de Carlos Luis Dantas Coutinho Perez (ausente por motivo de viagem), estiveram presentes e assinaram a presente ata.

- Compareceram à Assembléia-Geral Extraordinária 80 membros, com capacidade legal para representar um total de 123 associados.
- Transcreve-se, a seguir, o projeto de agenda, submetido pela Diretoria, e que foi aprovado por consenso:
 - (1) Abertura dos Trabalhos.
 - (2) Verificação de Quorum.
 - (3) Adoção da Agenda.
- (4) Autorização para que a Diretoria da ADB entre, em nome dos associados, em juízo no que concerne taxas de ocupação e reposição de índices salariais.
 - (5) Outros Temas.

- (6) Encerramento dos Trabalhos.
- 4. No que concerne o item 4 da agenda, o Presidente da ADB informou a Assembléia sobre a Portaria número 2.407, de 9 de setembro de 1993, da Secretaria da Administração Federal (SAF), que havia aumentado as taxas de ocupação dos imóveis funcionais ocupados por servidores do Itamaraty em percentagens que variavam de 751% a 8.744%. Para o mesmo mês de setembro, estava previsto reposição salarial de apenas 88,13%.
- 5. O Presidente da ADB informou ainda sobre as gestões realizadas pelo Ministro de Estado, pelo Secretário-Geral e pelo Subsecretário-Geral do Serviço Exterior no sentido de minorar o impacto negativo dos aumentos nas taxas de ocupação. Foi explicitado agradecimento à Chefia da Casa por tais gestões e que, inclusive, haviam motivado um rescalonamento por parte da SAF dos incrementos previstos na Portaria 2.407.
- Por unanimidade, a Assembléia-Geral Extraordinária aprovou a Decisão transcrita a seguir:

Decisão 01/93: A Diretoria da

Associação dos Diplomatas Brasileiros (ADB), na pessoa do seu Presidente, fica autorizada a atuar em
juízo na defesa dos interesses dos
associados relativamente à correção
dos valores cobrados pela Secretaria da Administração Federal (SAF)
pelos imóveis funcionais e no que
concerne a reposição dos índices de
correção salarial que deixaram de ser
aplicados por força de planos econômicos.

7. Nenhum outro tema foi suscitado no item 5 da agenda e os trabalhos foram encerrados às 19:45 horas. A presente ata terá seu original assinado pelos quatro membros da Diretoria da ADB presentes à Assembléia-Geral Extraordinária de 27 de setembro de 1993.

Brasília, 27 de setembro de 1993.

J. A. de Macedo Soares
Presidente da ADB

Virgílio Moretzsohn de Andrade
Vice-Presidente da ADB
Josal Luiz Pellegrino
Diretor

Andréia Cristina Rigueira David
Diretora

Em 1994 o Exame de Admissão ao CPCD vai oferecer 30 vagas, e apresentará novidades importantes: i) exigência do curso superior completo; ii) apenas duas provas escritas e eliminatórias na primeira fase: Português e Inglês. A prova de Francês, escrita e classificatória passa para a terceira fase: iii) terminado o exame em iulho, as aulas do Primeiro Ano começarão em agosto e não em março do ano seguinte, como se fazia até aqui; iv) logo após sua nomeação, os Terceiro-Secretários (que terminarão o CPCD em julho de 1996) completarão seu treinamento com missão de seis meses no exterior.

A Assembléia Geral Extraordinária de 27/IX/93 voltou a demonstrar a conveniência de que os associados de fora de Brasília mantenham atualizadas as suas procurações. Em princípio, a próxima Assembléia Geral ocorrerá na primeira metade de dezembro vindouro, mas a qualquer momento pode surgir a necessidade de outra reunião extraordinária.

........

Lembrete para colegas removidos do exterior para Brasília: Não esqueça de velha tradição, qual seja, incluir uma caixa na mudança com roupas e brinquedos doados pelos funcionários do posto para distribuição aos pobres. A ADB possui lista de instituições beneficentes que saberão aproveitar bem tal caridade.

........

A Escola Nacional de Administração Pública (ENAP) promoveu seminário sobre o tema "Administração Pública e Revisão Constitucional", do qual resultaram três

.......

ENTRELINHAS

documentos contendo sugestões que poderão servir de subsídio para propostas do governo à Revisão Constitucional. Frente ao que consideram "situação nitadamente privilegiada (do servidor público) face aos trabalhadores privados" no que se refere à aposentadoria, a ENAP propõe quatro alternativas: a criação de contribuição pelo aposentado, a fixação de limite de idade de 60 anos para aposentadoria por tempo de servico, ou seja, aposentadoria voluntária com proventos integrais na idade mínima de 60 anos e com proventos proporcionais se a idade for inferior. Propoem ainda a proibição de mais de uma aposentadoria, restringindo o benefício apenas aqueles casos em que uma delas advenha da iniciativa privada e a inclusão de dispositivo constitucional proibindo a averbação no serviço público de tempo de serviço prestado à iniciativa privada.

Os melhores votos de boas-vindas e de êxito ao "Informativo ASOF" que, no mês de outubro, voltou a ser publicado.

.......

A Ação da Cidadania Contra a Fome, a Miséria e pela Vida, liderada pelo sociólogo Herbert de Souza (Betinho), já conta com pelo menos dois órgãos de apoio no exterior. O Comitê de Roma, que congrega diplomatas, religiosos e outros membros da comunidade brasileira naquela Capital, reuniuse pela primeira vez no Centro de Estudos Brasileiros de nossa Embaixada em junho último. O segundo Comitê resultou de ação coordenada com os representantes do Banco do Brasil e da VARIG em Zurique, em que o Consulado-Geral do Brasil promoveu encontro informal com brasileiros residentes naquela jurisdição e suiços amigos do Brasil. A receptividade à idéia superou qualquer expectativa, tanto pelo número, expressivo, de brasileiros que compareceram à reunião, quanto pela vontade de contribuir demonstrada pelos participantes. O presidente do Banco do Brasil, informado do assunto quando de visita a Bruxelas, acolheu com entusiasmo o projeto de estender ao exterior a campanha (que, aliás, já vem sendo apoiada, desde seu início, pela vasta rede do Banco do Brasil).

Lamentamos informar o falecimento em Brasília, do colega Roberto Rodrigues Krause, no dia 3/X/93, do colega e associado Geraldo Veiga Rivello Júnior, no dia 26/X, em Miami e dos colegas aposentados Milton Telles Ribeiro, dia 28/IX, no Rio de Janeiro e Maria de Lourdes de Vincenzi, dia 1/X/93, em Boston.

........

REMETENTE

ADB - Associação dos Diplomatas Brasileiros Ministério das Relações Exteriores - Esplanada dos Ministérios Anexo Administrativo I - Térreo - CEP 70170-900 - Brasília-DF

IMPRESSO